



pensarRe Portugal – Mateus 29, 30 de Abril, 1 de Maio

A ideia subjacente ao encontro **pensarRe Portugal**¹ é a de reunir importantes personalidades estrangeiras e portuguesas cuja vida profissional se desenvolveu fora do país, para partilharem com uma plateia de políticos, empresários e académicos residentes no país, a sua percepção do que é, do que pode ser, e como se pode sustentar Portugal.

Esta iniciativa pretende fomentar uma discussão sobre as tendências de longo prazo e contribuir para a produção de um quadro onde, no futuro, sejam concebíveis novas políticas públicas, beneficiando de uma dupla distância: a dos oradores em relação a Portugal e a de Mateus em relação à Capital.

2 OLHARES CRUZADOS

Teresa Albuquerque

olhar circular²



Diz-se que o português é uma língua traiçoeira.

O português permite não nomear, omitir, deixar a ideia a pairar no ar...

Talvez esta característica linguística seja um sintoma – ou parcialmente causa – de alguns dos atavismos nacionais que tanto nos dificultam a vida e que são recorrentes ao longo da nossa história.

¹ Iniciativa do IICM em colaboração com a FCM.

² Circulando pela língua e por poetas portugueses. Ref. A “Made in Portugal” de A. O’Neill.

Todos sabemos que “nomear é dominar” ao não nomear não se domina nem as almas nem as coisas. E o português é muito cioso da sua liberdade íntima, individualíssima mas secreta. O plano da ordem colectiva onde o “eu” se pode expor interessa muito menos. O “eu” é aliás a palavra mais omitida de todas, é uma omissão elegante embora defensiva, mas os outros pronomes também desaparecem. Gostamos por exemplo de tratar o “tu” por “ele” conferindo-lhe uma qualidade abstracta que tanto intriga os estrangeiros. O “nós” da coisa comum também se transforma facilmente em “eles”, desligando-nos inconsciente mas eficazmente de responsabilidades comunitárias. Por sua vez o verbo conjuga-se de tal forma que numa frase pode não ser suficiente para desvendar, sem sombra de dúvidas, qual o seu sujeito.

O português é mestre a entreter ambiguidades. (– estamos a falar da língua ou da gente?).

A omissão simbólica do sujeito pode ter enormes vantagens em momentos de exaltação nacional e de grandes causas colectivas. O “eu” português pode, nessas circunstâncias, fundir-se num movimento poderoso, diluir-se heroicamente de forma intuitiva e generosa numa causa maior que ele. Mas esses momentos são raros e na rotina revelam-se todos os defeitos do português.

Na rotina o português vai-se mantendo num estado larvar, permanentemente em potência e adiado e usa o colectivo onde ele não existe para asfixiar a possibilidade de existência individual.

Dizia Almada Negreiros ao mais português de todos os portugueses :

“Portugal fica para depois

E os portugueses também,

Como tu.”³

³ Almada Negreiros, Ode a Fernando Pessoa

Ao que responde O’Neill cerca de meio século depois:

“um povo inteiro

à espera de vez.

– Irene! Irene!

Sirva o leite-creme!”⁴

Num registo mais dramático Fernando Pessoa evoca o estado letárgico do povo português “Ó Portugal, hoje és nevoeiro...”⁵ uma metáfora que retoma José Gil quando descreve o estado de névoa mental lusitano em “Portugal, o medo de existir”⁶.

Cada português em estado de ausência em relação ao concreto “real”, vive de pusilanimidades, pequenas coisas, de maledicência, de auto-justificação permanente do indivíduo em relação a um colectivo que o maltrata e que por isso ele tem todo o direito de atraiçoar sempre que pode.

Consequências do nevoeiro psicológico interiorizado e reforçado romanticamente pelo mito de D. Sebastião : um “eu” sublimado e omissivo, um desapego do concreto, um desinteresse pela objectividade : um país relativo⁷ como dizia O’Neill, “pobrete e nada alegrete”, onde até a dor é pequena, “à portuguesa, tão mansa quase vegetal”⁸.

Donde se conclui que a omissão do sujeito conduz (de algum modo paradoxalmente) à ausência de objecto e de objectividade.

Se o sujeito é (está?) omissivo, ou ausente, ele (ele quem?) pode mais facilmente não responder por si próprio, ser portanto irresponsável. O que pode explicar o eterno

⁴ Alexandre O’Neill, *Zibaldone, Abandono Vigiado*, 1960

⁵ Fernando Pessoa, *QUINTO – NEVOEIRO*, Mensagem, Lisboa 1934

⁶ José Nuno Gil, *Portugal o Medo de Existir*, Lisboa, 2004

⁷ Alexandre O’Neill, *Um país relativo*, 1965

⁸ Alexandre O’Neill, *Um adeus português*, 1958

arrolar de intenções sem concretização – de desvalorização da concretização – de castigo da concretização que muitos sentem em Portugal.

TUDO NA MESMA COMO A LESMA

A larva sente-se cómoda no seu casulo e não quer que ninguém chegue a borboleta. A borboleta pode mudar o estado de coisas. Um bater de asas...

Esse o lado pior da cultura portuguesa : é uma cultura do desmérito.

Neste país em diminutivo... Respeitinho é que é preciso⁹

A organização da sociedade apoia-se maioritariamente em líderes auto-ungidos (expressão muito ouvida ultimamente) cuja função afinal, seja por autoritarismo, seja por inércia – é manter o estado larvar – sonhador e sem sobressaltos – de indivíduos que não se sentem responsáveis. E o consenso faz-se à volta de autoridades mesquinhas e inconsequentes. Pessoas que capturam o poder, quase sempre por defeito, graças ao vazio que a “coisa” nacional inconsequente permite, e que nele se perpetuam graças a uma arte muito nossa de gerir as ambiguidades necessárias à neutralização da reacção ou das alternativas eventuais.

A resistência intelectual – as cortes na aldeia do longo inverno filipino¹⁰, os vencidos da vida da geração de 70 ... – mantém-se ela também em estado latente, não se organiza e não se realiza. Os problemas só se enfrentam quando se tornam insustentáveis – ou quando caem de podre como Salazar da sua cadeira – e por ninguém em particular, sujeito nenhum, são jogadas de poker que se fundem num movimento colectivo. A mudança faz-se sem preparação, por golpes, de conjurados, de capitães, abnegados, mas que catapultam para o poder quem não pediu ou quem não sabe exercê-lo. Ou se escolhem pequenos líderes pusilânimes, ou figuras que se idolatram sem que se perceba porquê “Nesta nossa querida terra onde ninguém a ninguém admira / e todos a

⁹ Alexandre O'Neill, *uma Lisboa remanchada*, 1962

¹⁰ Francisco Rodrigues Lobo, *Corte na Aldeia e Noites de inverno*, 1619

determinados idolatram.”¹¹. No fundo no fundo o que não queremos é quem nos governe como consta que disseram os romanos. E sujeitamo-nos a isso... e quem se sujeita, perde o sujeito... O drama é que ao escamotear o eu, o que se relativiza é o valor das ideias, a possibilidade de confronto construtivo e partilhado.

A protecção maternal da incompetência faz parte da lógica do casulo e da perpetuação de líderes cuja principal preocupação é a permanência no poder, bem como do princípio da inconsequência. É normal. Estranho e quase absurdo é o contrário. Em suma não vale a pena ser muito exigente: o país é inconsequente. É por isso que mais vale um mau acordo... bem se sabe que não se pode contar com a justiça... Haverá forma mais violenta de negar o sujeito?

Não é por acaso que justiça ressoa dentro da palavra sujeito.

Á esquina do Planeta [...] que desgraça ser português!¹²

Mas os portugueses não são só os seus defeitos, está-lhes também na massa do sangue a capacidade de serem bi, tri pluri, trans-culturais e de acrescentar ao que acabo de descrever outras lógicas (não nacionais?). – será por isso se diz que os portugueses “funcionam” tão bem no estrangeiro ? – Em certas circunstâncias, em equipas excepcionais, em equipas multinacionais, no estrangeiro, ou em situações extremas, o português de base pode ter uma capacidade de superação, de abnegação (o lado positivo da omissão do sujeito?) que o torna admirável. Há também uma delicadeza no quotidiano que talvez venha dessa capacidade de relativizar, de ser inconsequente e de por conseguinte conseguir valorizar o momento presente, de dar uma espessura a esse momento, por incapacidade talvez de projectar no futuro um resultado que ultrapasse a contingência do presente, por “medo de existir” ou ainda consciência profunda da futilidade passageira de qualquer tentativa de existência.

¹¹ Almada Negreiros, Ode a Fernando Pessoa

¹² António Nobre, Em certo Reino, à esquina do Planeta, Coimbra, 1889

Mas porque é que o português desconfia tanto de se projectar no futuro? Porquê essa “desgraça de ser português” que vai ecoando não se sabe em que paredes gerando um atrito persistente que se soma a qualquer esforço? Porquê esse “remorso” – “Portugal, questão que tenho comigo mesmo, meu remorso, meu remorso de todos nós.”¹³ – “sem solução”¹⁴? Somos todos irresponsáveis e somos todos cúmplices. Mas somos todos cúmplices de quê? Dos pequenos chefes que nos desgovernam? de uma mentalidade que mina o potencial multiplicador de qualquer projecto, que impede a fixação de qualquer realização? De deixar andar? De facilitar a vida a quem no-la dificulta?

Da “esquina do Planeta” Portugal pode comprovar que a Terra era redonda e a dada altura o Mundo convergiu em Lisboa.

No entanto, na cabeça do português, o povo é pequeno como o dizem os nossos poetas mais lúcidos : “o povo-mais-pequeno” escrevia Almada em 1922¹⁵, “um país em diminutivo” repete O’Neill em 1965. E as constatações mais duras saem da boca do Poeta em “Made in Portugal”¹⁶:

“Peixe sem solução
Máquina a parar,
Circular e vítrea aflição
A olhar”

Que significa esta esquizofrenia de ser português? Objectivamente : de quê que é que nos queixamos? Os líderes são fracos e incompetentes? – Quem é que os escolhe? As estruturas de poder estão minadas por vícios de forma e de fundo? – Quem é que as controla? As mentalidades são mesquinhas, invejosas? A má-fé impera? O medo? O medo é seguramente a chave da questão porque à falta de objectividade soma a

¹³ Alexandre O’Neill, Portugal”,1965

¹⁴ Alexandre O’Neill, Made in Portugal, 1965

¹⁵ Almada Negreiros, Histoire du Portugal par coeur, Paris 1919 e Lisboa 1922

¹⁶ Alexandre O’Neill, Made in Portugal, 1965

irracionalidade que permite justificar em permanência aquilo que não precisa ou não deve ser justificado. Conduz a uma obsessão desconfiada pelo pormenor e a uma total incompreensão de objectivos partilháveis e capazes de produzir dinâmicas virtuosas que por definição não podem ser controladas *a priori*.

Mas isso não impede que existam portugueses sem medo – os heróis do dia a dia, os heróis de que estamos sempre à espera – . Há portugueses excelentes, há um nível de qualidade e muitas vezes um standard superior ao de outros países.

O problema parece estar na fixação e na socialização da excelência: tal como o “eu” se omite, a excelência em Portugal parece ser sempre íntima ou privada, e muitas vezes escamoteada. Há imaginação para fazer coisas inovadoras e bem mas que não se fixam, não se inscrevem e logo se viram contra nós. Aliás mais do que o “eu” é o “nós” que não existe... e até a globalização se virou contra “...”:

Cumpriu-se o Mar, e o Imperio se desfez. / Senhor, falta cumprir-se Portugal!¹⁷

O português em Portugal é como um pássaro que não consegue largar o ramo em pousa. Ou parte o ramo e voa com esse peso a tolher-lhe o movimentos, ou fica agarrado às suas raízes a lamentar-se pela falta daquele golpe de asa¹⁸. Há qualquer coisa que o empurra para a terra.

Mas o português fora de Portugal – ou quando traz o Mundo a Portugal – parece ser aquele que melhor cumpre a sua vocação : quando se situa nas frechas de abertura que existem e que se inventam. Nesse interstício em que se volta para fora, a bipolaridade maníaco-depressiva transforma-se em fértil dualidade. O problema de Portugal é assumir que o Mundo é a sua dimensão e não o rectângulo. Em tempos de globalização

¹⁷ Fernando Pessoa, Mensagem, Lisboa 1934

¹⁸ Mário de Sá Carneiro, Quase, Paris 1913

esse é aliás o problema e a condição de todos os países. Nós, que andamos há séculos a viver simultaneamente em planos diferentes, podíamos se calhar operacionalizar melhor o partido a tirar disso. Não parece mesmo haver alternativa.

olhar suspenso



“Nunca perguntei a ninguém quem é / senão a mim.” Almada Negreiros

As tendências que tentei sobrevoar rápida e superficialmente, não podem abstrair-se de um contexto em que o mundo mudou e continua a mudar desafiando todos os povos e todas as culturas por mais espesso que seja o casulo em que nos queiramos esconder.

A periferia permitiu prolongar arcaísmos mas a periferia só existe num mundo em que a geografia é um obstáculo. No novo mundo global e multipolar há uma revolução radical nas hierarquias do século XX. Perante a mudança de paradigmas, podemos ter a pretensão de ser todos iguais – embora uns com mais passivo do que outros. Mas, fazendo abstracção desse passivo, a pergunta é 1) o que pode trazer Portugal a este novo mundo em transformação e por inventar 2) em quê que isso se pode repercutir numa mudança e na capacidade de mudar mentalidades e contaminar as ideias que circulam num plano global 3) como é que isso por sua vez pode contribuir potenciar 1).

Compreender as mudanças é uma tarefa ciclópica num mundo de interações e interdependências extraordinariamente complexas. É se calhar até impossível se nos colocarmos no plano da acção quotidiana. É precisa a capacidade de deixar-se guiar pela sensibilidade, é preciso compreender a sua e outras culturas, é forçoso confiar na colaboração (com o que ela implica de perda de poder ou de controle) é preciso prestar uma atenção acrescida ao modo como se fazem as coisas, fazer da qualidade do processo um objectivo em si, já que os objectivos finais 1) não justificam os meios – como o

demonstra gritantemente a “crise” 2) têm de ser razoavelmente abertos num contexto repleto de dinâmicas e de complexidade.

No contexto global, multipolar e multicultural, a suave matriz portuguesa, tão avessa a normas e a padrões, devia poder ser um vector de ajustamento poderoso aos desafios multiformes que nos rodeiam. A capacidade de estar no centro depende hoje de cada um de nós. Está na possibilidade de actualização de um conjunto de valências culturais de largo espectro capazes de enquadrar uma acção durante o seu processo de implementação e de escolher entre as suas repercussões aquelas que são geradoras de novas dinâmicas e de novas acções.

Sabemos que estamos num momento em tudo está por redefinir e em que se enfrentam desafios formidáveis (à escala do planeta e não já apenas do cabo Bojador¹⁹), desafios cognitivos, ambientais, sociais... A cultura ocidental precisa de se redefinir, a própria concepção da política e do seu exercício precisa de se redefinir. É uma batalha de ideias e de imaginação, um plano em que todos os povos podem ser iguais, sobretudo se aceitarmos as especificidades próprias de ser qualquer coisa, permitindo-nos a livre circulação de ser (também) outra coisa. Talvez esta seja uma qualidade própria do ser português, e se o for é seguramente um trunfo essencial para ultrapassar o desnorte das instituições, das políticas, a incapacidade de definir e comunicar estratégias, assumir a condição/dimensão reticular/global de qualquer actividade, desenvolver um pensamento sistémico, inclusivo, leve e veloz que nos permita aspirar a ser contemporâneos do tempo em que vivemos.

Novo século, novo milénium, o fundador da pátria nasceu à 900 anos. É altura de um novo ultimatum e logo proliferam milhões... Coragem, Portugueses²⁰...

¹⁹ Fernando Pessoa, X - *MAR PORTUGUEZ*, Mensagem, Lisboa, 1934

²⁰ Almada Negreiros, *Ultimatum Futurista*, Lisboa 1917

Poemas / textos citados

1 [3 e 11]

Ode a Fernando Pessoa

de Almada Negreiros

Tu que tiveste o sonho de ser a voz de Portugal
tu foste de verdade a voz de Portugal
e não foste tu!
Foste de verdade, não de feito, a voz de Portugal.
De verdade e de feito só não foste tu.
A Portugal, a voz vem-lhe sempre depois da idade
e tu quiseste acertar-lhe a voz com a idade
e aqui erraste tu,
não a tua voz de Portugal
não a idade que já era de hoje.
Tu foste apenas o teu sonho de ser a voz de Portugal
o teu sonho de ti
o teu sonho dos portugueses
só sonhado por ti.
Tu sonhaste a continuação do sonho português
somos todos os séculos de Portugal
somados todos os vários sonhos portugueses
tu sonhaste a decifração final
do sonho de Portugal
e a vida que desperta depois do sonho
a vida que o sonho predisse.
Tu tiveste o sonho de ser a voz de Portugal
tu foste de verdade a voz de Portugal
e não foste tu!
Tu ficaste para depois
E Portugal também.
Tu levaste empunhada no teu sonho a bandeira de Portugal
vertical
sem pender para nenhum lado
o que não é dado pra portugueses.
Ninguém viu em ti, Fernando,
senão a pessoa que leva uma bandeira
e sem a justificação de ter havido festa.
Nesta nossa querida terra onde ninguém a ninguém admira

e todos a determinados idolatram.
Foi substituído Portugal pelo nacionalismo
que é maneira de acabar com partidos
e de ficar talvez o partido de Portugal
mas não ainda apenas Portugal!
Portugal fica para depois
e os portugueses também
como tu.

2 [4]

Povo marinho,
povo camponês,
um povo inteiro
à espera de vez.

*– Irene! Irene!
Sirva o leite-creme!*

Não sei para onde
fugiu a sardinha.
Teu peito que esconde
ó Mariazinha?

*– Irene! Irene!
Sirva o leite-creme!*

Minha preguiçeira,
ó santo aconchego!
Dormir como um prego
dorme na madeira...

*– Irene! Irene!
Sirva o leite-creme!*

Recessos da alma,
ressessos estão...
Só quem fala, fala!
Quem se cala, não...

*– Irene! Irene!
Sirva o leite-creme!*

Alexandre O'Neill "Zibaldone", Abandono Vigiado, 1960

3 [5]

QUINTO - *NEVOEIRO*

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,
Define com perfil e ser
Este fulgor baço da terra
Que é Portugal a entristecer –
Brilho sem luz e sem arder,
Como o que o fogo-fatuo encerra.
Ninguém sabe que coisa quere.
Ninguém conhece que alma tem,
Nem o que é mal nem o que é bem.
(Que ancia distante perto chora?)
Tudo é incerto e derradeiro.
Tudo é disperso, nada é inteiro.
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...
É a Hora!

Fernando Pessoa, Mensagem, 1934

4 [7]

O país relativo

País por conhecer, por escrever, por ler...

País purista a prosear bonito,
a versejar tão chique e tão pudico,
enquanto a língua portuguesa se vai rindo,
galhofeira, comigo.

País que me pede livros andejantes
com o dedo, hirto, a correr as estantes.

País engravatado todo o ano
e a assoar-se na gravata por engano.

País onde qualquer palerma diz,
a afastar do busílis o nariz:
-Não, não é para mim este país!
mas quem é que bâteauxtica sem lavar
o sovaco que lhe dá o ar?

Entrecheiram-se, hostis, os mil narizes
que há neste país.

País do cibinho mastigado
devagarinho.

País amador do rapapé,
do meter butes e do parlapié,
que se espaneja, cobertas as miúdas,
e as desleixa quando já ventrudas.

O incrível país da minha tia,
trémulo de bondade e de aletria.

Moroso país da surda cólera,
de repente que se quer feliz.

Já sabemos, país, que és um homenzinho...

País tunante que diz que passa a vida
a meter entre parêntesis a cedilha.

A damisela passeia
no país da alcateia,
tão exterior a si mesma
que não é senão a fome
com que este país a come.

País do eufemismo, à morte dia a dia
pergunta mesureiro: - Como vai a vida?

País dos gigantones que passeiam
a importância e o papelão,
inaugurando esguichos no engonço
do gesto e do chavão.
E ainda há quem os ouça, quem os leia,
lhes agradeça a fontanária ideia!

Corre boleada, pelo azul,
a frota de nuvens do país.

País desconfiado a reolhar para cima

dum ombro que com razão duvida.

Este país que viaja a meu lado,
vai transido mas transistorizado.

Nhurro país que nunca se desdiz.

Cedilhado o cê, país, não te revejas
na cedilha, que a palavra urge.

Este país, enquanto se alivia,
manda-nos à mãe, à irmã, à tia,
a nós e à tirania,
sem perder tempo nem caligrafia.

Nesta mosquitomaquia
que é a vida,
ó país,
que parece comprida.

A Santa Paciência, país, a tua padroeira,
já perde a paciência à nossa cabeceira.

País pobrete e nada alegrete,
baú fechado com um aloquete,
que entre dois sudários não contém senão
a triste maçã do coração.

Que Santa Sulipanta nos conforte
na má vida, país, na boa morte!

País das troncas e delongas ao telefone
com mil cavilhas para cada nome.

De ramona, país, que de viagens
tens, tão contrafeito...

Embezerra, país, que bem mereces,
prepara, no mutismo, teus efes e teus erres.

Desanhada a perdiz,
não a discutas, país!
Espirra-lhe a morte pra cima
com os dois canos do nariz!

Um país maluco de andorinhas
tesourando as nossas cabecinhas
de enfermiços meninos, roda-viva
em que entrássemos de corpo e alegria!

Estrela trepa trepa pelo vento fagueiro
e ao país que te espreita, vê lá se o vês inteiro.
Hexágono de papel que o meu pai pôs no ar,
já o passo a meu filho, cansado de o olhar...

No sumapau seboso da terceira,
contigo viajei, ó país por lavar,
aturei-te o arrote, o pivete, a coceira,
a conversa panocrácia e o jeito alvar.
Senhor do meu nariz, franzi-te a sobrancelha;
entornado de sono, resvalaste para mim.
Mas também me ofereceste a cordial botelha,
empinada que foi, tal e qual clarim!

ALEXANDRE O'NEILL - Feira Cabisbaixa, 1965

5 [8]

Um Adeus Português

Nos teus olhos altamente perigosos
vigora ainda o mais rigoroso amor
a luz dos ombros pura e a sombra
duma angústia já purificada

Não tu não podias ficar presa comigo
à roda em que apodreço
apodrecemos
a esta pata ensanguentada que vacila
quase medita
e avança mugindo pelo túnel

de uma velha dor

Não podias ficar nesta cadeira
onde passo o dia burocrático
o dia-a-dia da miséria
que sobe aos olhos vem às mãos
aos sorrisos
ao amor mal soletrado
à estupidez ao desespero sem boca
ao medo perfilado
à alegria sonâmbula à vírgula maníaca
do modo funcionário de viver

Não podias ficar nesta casa comigo
em trânsito mortal até ao dia sórdido
canino
policial
até ao dia que não vem da promessa
puríssima da madrugada
mas da miséria de uma noite gerada
por um dia igual

Não podias ficar presa comigo
à pequena dor que cada um de nós
traz docemente pela mão
a esta pequena dor à portuguesa
tão mansa quase vegetal

Mas tu não mereces esta cidade não mereces
esta roda de náusea em que giramos
até à idiotia
esta pequena morte
e o seu minucioso e porco ritual
esta nossa razão absurda de ser

Não tu és da cidade aventureira
da cidade onde o amor encontra as suas ruas
e o cemitério ardente
da sua morte

tu és da cidade onde vives por um fio
de puro acaso
onde morres ou vives não de asfixia
mas às mãos de uma aventura de um comércio puro
sem a moeda falsa do bem e do mal

Nesta curva tão terna e lancinante
que vai ser que já é o teu desaparecimento
digo-te adeus
e como um adolescente
tropeço de ternura
por ti

6 [10]

Neste país em diminutivo... Respeitinho é que é preciso

ALEXANDRE O'NEILL – *Lisboa Remanchada*, Poemas com endereço, 1962

7 [12]

Em certo Reino, à esquina do Planeta,
Onde nasceram meus Avós, meus Pais,
Há quatro lustres, viu a luz um poeta
Que melhor fora não a ver jamais.

Mal despontava para a vida inquieta,
Logo ao nascer, mataram-lhe os ideais,
À falsa-fé, numa traição abjecta,
Como os bandidos nas estradas reais !

E, embora eu seja descendente, um ramo
Dessa árvore de Heróis que, entre perigos
E guerras se esforçaram pelo Ideal :

Nada me importa, País ! seja meu Amo
O Carlos, ou o Zé da T'resa... Amigos,
Que desgraça nascer em Portugal !

António Nobre, Coimbra 1889

8 [14]

Portugal

Ó Portugal, se fosses só três sílabas,
linda vista para o mar,

Minho verde, Algarve de cal,
jerico rapando o espinhaço da terra,
surdo e miudinho,
moinho a braços com um vento
testarudo, mas embolado e, afinal, amigo,
se fosses só o sal, o sol, o sul,
o ladino pardal,
o manso boi coloquial,
a rechinante sardinha,
a desancada varina,
o plumitivo ladrilhado de lindos adjectivos,
a muda queixa amendoada
duns olhos pestanítidos,
se fosses só a cegarrega do estio, dos estilos,
o ferrugento cão asmático das praias,
o grilo engaiolado, a grila no lábio,
o calendário na parede, o emblema na lapela,
ó Portugal, se fosses só três sílabas
de plástico, que era mais barato!

*

Doceiras de Amarante, barristas de Barcelos,
rendeiras de Viana, toureiros da Golegã,
não há "papo-de-anjo" que seja o meu derriço,
galo que cante a cores na minha prateleira,
alvura arrendada para ó meu devaneio,
bandarilha que possa enfeitar-me o cachaço.

Portugal: questão que eu tenho comigo mesmo,
golpe até ao osso, fome sem entretém,
perdigueiro marrado e sem narizes, sem perdizes,
rochim engraxado,
feira cabisbaixa,
meu remorso,
meu remorso de todos nós...

9 [15]

Histoire du Portugal par coeur de Almada Negreiros, Paris 1919, Lisboa 1922

10 [14 e 16]

Made in Portugal

Peixe tão definido
Na praia,
Não relâmpago de prata:
Folha de navalha

Tirada da pança do mar,
Do recesso que a alimentava,
Lâmina boquiaberta,
Áscua tresmalhada.

Peixe sem solução
Máquina a parar,
Circular e vítrea aflição
A olhar

Alexandre O'Neill, Feira Cabisbaixa, 1965

11 [17]

Porque é do portuguez, pae de amplos mares,
Querer, poder só isto:
O inteiro mar, ou a orla vã desfeita –
O todo, ou o seu nada.

Cumpriu-se o Mar, e o Imperio se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

Fernando Pessoa, Mensagem, Lisboa 1934

12 [18]

Quase

Um pouco mais de sol - eu era brasa,
Um pouco mais de azul - eu era além.
Para atingir, faltou-me um golpe de asa...
Se ao menos eu permanecesse aquém...
Assombro ou paz? Em vão... Tudo esvaído
Num grande mar enganador de espuma ;
E o grande sonho despertado em bruma,
O grande sonho - ó dor! - quase vivido...
Quase o amor, quase o triunfo e a chama,
Quase o princípio e o fim - quase a expansão...
Mas na minh'alma tudo se derrama...
Entanto nada foi só ilusão!
De tudo houve um começo ... e tudo errou...
- Ai a dor de ser - quase, dor sem fim...

Eu falhei-me entre os mais, falhei em mim,
Asa que se enlaçou mas não voou...
Momentos de alma que, desbaratei...
Templos aonde nunca pus um altar...
Rios que perdi sem os levar ao mar...
Ânsias que foram mas que não fixei...
Se me vagueio, encontro só indícios...
Ogivas para o sol - vejo-as cerradas;
E mãos de herói, sem fé, acobardadas,
Puseram grades sobre os precipícios...
Num ímpeto difuso de quebranto,
Tudo encetei e nada possuí...
Hoje, de mim, só resta o desencanto
Das coisas que beijei mas não vivi...
Um pouco mais de sol - e fora brasa,
Um pouco mais de azul - e fora além.
Para atingir faltou-me um golpe de asa...
Se ao menos eu permanecesse alguém...

Mário de Sá Carneiro, Paris 1913

13 [19]

X - *MAR PORTUGUEZ*

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão resaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abysmo deu,
Mas nelle é que espelhou o céu.

Fernando Pessoa, Mensagem, 1934

14 [20] ULTIMATUM FUTURISTA- Às gerações portuguesas do século XX | Excertos

Eu não pertenço a nenhuma das gerações revolucionárias. Eu pertenço a uma geração construtiva.

[...]

Eu sou aquele que se espanta da própria personalidade e creio-me portanto, como português, com o direito de exigir uma pátria que me mereça. Isto quer dizer: eu sou português e quero portanto que Portugal seja a minha pátria.

Eu não tenho culpa nenhuma de ser português, mas sinto a força para não ter, como vós outros, a cobardia de deixar apodrecer a pátria.

Nós vivemos numa pátria onde a tentativa democrática se compromete quotidianamente. A missão da República portuguesa já estava cumprida desde antes de 5 de Outubro: mostrar a decadência da raça. Foi sem dúvida a República portuguesa que provou conscientemente a todos os cérebros a ruína da nossa raça, mas o dever revolucionário da República portuguesa teve o seu limite na impotência da criação.

Hoje é a geração portuguesa do século XX quem dispõe de toda a força criadora e construtiva para o nascimento de uma nova pátria inteiramente portuguesa e inteiramente actual prescindindo em absoluto de todas as épocas precedentes.

Vós, oh portugueses da minha geração, nascidos como eu no ventre da sensibilidade europeia do século XX criai a pátria portuguesa do século XX.

Resolvi em pátria portuguesa o genial optimismo das vossas juventudes. Dispensai os velhos que vos aconselham para o vosso bem e atirai-vos independentes prà sublime brutalidade da vida. Criai a vossa experiência e sereis os maiores.

[...]

Portugal é um país de fracos. Portugal é um país decadente:

1 – Porque a indiferença absorveu o patriotismo.

2 – Porque aos não indiferentes interessa mais a política dos partidos do que a própria expressão da pátria, e sucede sempre que a expressão da pátria é explorada em favor da opinião pública. Não é o sentimentalismo desta exploração o que eu quero evidenciar.

Eu quero muito simplesmente dizer que os interesses dos partidos prejudicam sempre o interesse comum da pátria. Ainda por outras palavras: a condição menos necessária para a força de uma nação é o ideal político.

3 – Porque os poetas portugueses só cantam a tradição histórica e não a sabem distinguir da tradição-pátria. Isto é: os poetas portugueses têm a inspiração na história e são portanto absolutamente insensíveis às expressões do heroísmo moderno. Donde resulta toda a impotência prà criação do novo sentido da pátria.

4 – Porque o sentimento-síntese do povo português é a saudade e a saudade é uma nostalgia mórbida dos temperamentos esgotados e doentes. O fado, manifestação popular da arte nacional, traduz apenas esse sentimento-síntese. A saudade prejudica a raça tanto no seu sentido atávico porque é decadência, como pelo seu sentido adquirido definha e estiola.

5 – Porque Portugal não tem ódios, e uma raça sem ódios é uma raça desvirilizada porque

sendo o ódio o mais humano dos sentimentos é ao mesmo tempo uma consequência do domínio da vontade, portanto uma virtude consciente. O ódio é um resultado da fé e sem fé não há força. A fé, no seu grande significado, é o limite consciente e premeditado daquele que dispõe de uma razão. Fora desse limite existe o inimigo, isto é, aquele que dispõe de outra razão.

6 – Porque a constituição da família portuguesa não obedecendo, unânime ou separadamente a nenhum princípio de fé é o nosso descrédito de nação da Europa.

Desde a educação familiar até depois da educação oficial inclusive o casamento a desordem faz-se progressivamente até à putrefacção nacional. E tudo tem origem na inconsciência com que cada um existe: em Portugal toda a gente é pai pela mesma razão porque falta à repartição. Do estado de solteiro para o estado de casado dá-se exclusivamente, na nossa terra, uma mudança de hábitos.

Em Portugal educar tem um sentido diferente; em Portugal educar significa burocratizar. Exemplo: Coimbra. Mas na maioria o português é analfabeto e em geral é ignorante; na unanimidade o português é impostor, prova evidente de deficientíssimo.

7 – Porque a desnacionalização entre nós é uma verdade, e pior ainda, sem energias que a inutilizem nem tentativas que a detenham:

a) O português com todas as suas qualidades de poliglota desnacionaliza-se imediatamente fora da pátria, e até na própria pátria, porque (com o nosso desastre do analfabetismo) a nossa literatura resume-se em meia dúzia de bem intencionados académicos cuja obra, não satisfazendo ambições mais arrojadas, obriga a recorrer às literaturas estrangeiras.

Resultado: ainda nenhum português realizou o verdadeiro valor da língua portuguesa.

b) O português educado sem o sentimento da pátria e acostumado à desordem dos governos criou por si a compensação inútil de dizer mal dos governos e nem poupou a pátria. Estabeleceu-se até, elegantemente, como prova de inteligência ou de ter viajado dizer mal da pátria. Isto deixa de ser decadência para ser impotência física e sexual.

c) O português assimila de preferência todas as variedades de importação e em descrédito das próprias maravilhas regionalistas; o comércio e a indústria têm quase sempre de se mascararem de estrangeiros para serem eficazmente rendosos. É porque todas essas variedades da importação cumprem mais exactamente as exigências dos mercados do que os nossos comércios e indústrias regionalistas. Estas não satisfazem nem as necessidades nem as transformações sucessivas das sociedades, enquanto que a importação aparece sempre como uma surpresa e, sobretudo, obedecendo a todas as condições do que é útil, prático, actual e necessário. De modo que nem chega a haver luta – a importação entra logo com o rótulo de vitória.

8 – Porque Portugal quando não é um país de vadios é um país de amadores. A fé da profissão, isto é, o segredo do triunfo dos povos, é absolutamente alheio ao organismo português do que resulta esta contínua atmosfera de tédio que transborda de qualquer resignação. Também o português não sente a necessidade da arte como não sente a necessidade de lavar os pés.

E a Literatura com todo o seu gramatical piegas e salista, diverte mais as visitas do que a necessidade de não ser ignorante. Daqui a miséria moral que transparece em todas as manifestações da vida nacional e em todos os aspectos da vida particular.

9 – Porque Portugal a dormir desde Camões ainda não sabe o novo significado das palavras. Exemplo: pátria hoje em dia quer dizer o equilíbrio dos interesses comerciais, industriais e artísticos. Em Portugal este equilíbrio não existe porque o comércio, a indústria e a arte não só não se relacionam como até se isolam por completo receosos da desordem dos governos. A palavra aventura perdeu todo o seu sentido romântico, e ganhou em valor afectivo. Aventura hoje em dia, quer dizer: O Mérito de tentativa industrial, comercial ou artística.

10 – Porque o aspecto geral dos tipos exala um extertor a podre. Portugal, uma resultante de todas as raças do mundo, nunca conseguiu a vantagem de um cruzamento útil porque as raças belas isolaram-se por completo. Exemplo: as varinas.

O português, como os decadentes, só conhece os sentimentos passivos: a resignação, o fatalismo, a indolência, o medo do perigo, o servilismo, a timidez, e até a inversão. Quando é viril manifesta-se instintivamente animal a par do seu analfabetismo primitivamente anti-higiénico.

É preciso criar a adoração dos músculos contra o desfilar faminto e debilitado das instruções militares preparatórias números 1 a 50.

É preciso criar o espírito da aventura contra o sentimentalismo literário dos passadistas.

É preciso criar as aptidões pró heroísmo moderno: o heroísmo quotidiano.

É preciso destruir este nosso atavismo alcoólico e sebastianista de beira-mar.

É preciso destruir sistematicamente todo o espírito pessimista proveniente das inevitáveis desilusões das velhas civilizações do sentimentalismo.

É preciso educar a mulher portuguesa na sua verdadeira missão de fêmea para fazer homens.

É preciso saber que sois Europeus e Europeus do século XX.

É preciso criar e desenvolver a actividade cosmopolita das nossas cidades e dos nossos portos.

É absolutamente necessário resolver o maravilhoso citadino da nossa capital até ser a maior ambição dos nossos dialectos e das nossas províncias.

É preciso explicar à nossa gente o que é democracia para que não torne a cair em tentação.

É preciso violentar todo o sentimento de igualdade que sob o aspecto de justiça ideal tem paralisado tantas vontades e tantos génios, e que aparentando salvaguardar a liberdade, é a maior das injustiças e a pior das tiranias.

É preciso ter a consciência exacta da Actualidade.

É preciso substituir na admiração e no exemplo os velhos nomes de Camões, de Vítor Hugo, e de Dante pelos Génios de Invenção: Edison, Marinetti, Pasteur, Elchriet, Marconi, Picasso, e o

padre português, Gomes de Himalaia.

FINALMENTE: é preciso criar a pátria portuguesa do século XX.

DIGO SEGUNDA VEZ: é preciso criar a pátria portuguesa do século XX.

DIGO TERCEIRA VEZ: é preciso criar a pátria portuguesa do século XX.

Para criar a pátria portuguesa do século XX não são necessárias fórmulas nem teorias; existe apenas uma imposição urgente: Se sois homens sede Homens, se sois mulheres sede Mulheres da vossa época.

Vós, ó portugueses da minha geração, que, como eu, não tendes culpa nenhuma de serdes portugueses.

Insultai o perigo.

Atirai-vos prà glória da aventura.

Desejai o record.

Dispensai as pacíficas e coxas recompensas da longevidade.

Divinizai o Orgulho.

Rezai a Luxúria.

Fazei predominar os sentimentos fortes sobre os agradáveis.

Tende a arrogância dos sãos e dos completos.

Fazei a apologia da Força e da Inteligência.

Fazei despertar o cérebro espontaneamente genial da Raça Latina.

Tentai vós mesmos o Homem Definitivo.

Abandonai os políticos de todas as opiniões: o patriotismo condicional degenera e suja; o patriotismo desinteressado glorifica e lava.

Fazei a apoteose dos Vencedores, seja qual for o sentido, basta que sejam Vencedores. Ajudai a morrer os vencidos.

Gritai nas razões das vossas existências que tendes direito a uma pátria civilizada.

Aproveitai sobretudo este momento único em que a guerra da Europa vos convida a entrardes prà Civilização.

O povo completo será aquele que tiver reunido no seu máximo todas as qualidades e todos os defeitos. Coragem, Portugueses, só vos faltam as qualidades.

Almada Negreiros, Lisboa, Dezembro de 1917.